

Figurações da história da misoginia segundo Laia Abril: On Rape

GABRIELA TRAPLE WIECZOREK

•47

Doutoranda em História, Teoria e Crítica de Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, possuindo título de mestre em Artes Visuais pela mesma instituição com a dissertação *Nos Queremos Vivas: arte contemporânea sobre feminicídio no Brasil e no México*. Atualmente, pesquisa as intersecções entre arte, feminismos e práticas sociais.

Contato: gabrielatw@gmail.com

Afiliação: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV/ UFRGS).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7471-8582>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6409773933136984>

• RESUMO

O presente artigo busca discutir o segundo capítulo da série de publicações que integram o projeto de longa duração “A History of Misogyny” da artista e fotógrafa catalã Laia Abril, intitulado “On Rape: And Institutional Failure” (2022). A narrativa elaborada pela artista, construída pela combinação de imagem e texto, demonstra a prevalência da cultura do estupro ao longo da história, ao mesmo tempo que tece questionamentos sobre as instituições que auxiliam em sua manutenção. Nossa análise é feita a partir da teoria de figurações da violência de Dominique Baqué e do texto crítico de Marta Gili, “Cartografias da Crueldade”, que integra o livro de artista, além de questões de vulnerabilidade, violência sexual e de gênero como apontadas por Judith Butler, Rita Segato e Mithu Sanyal.

• PALAVRAS-CHAVE

Laia Abril, Estupro, Feminismo, Livro de artista, Narrativa visual

• ABSTRACT

This article seeks to discuss the second chapter of the series of publications that make up the long-term project “A History of Misogyny” by Catalan artist and photographer Laia Abril, titled “On Rape: And Institutional Failure” (2022). The artist's narrative, constructed by combining image and text, demonstrates the prevalence of rape culture throughout history, while at the same time questioning the institutions that help maintain it. Our analysis is based on Dominique Baqué's theory of figurations of violence and Marta Gili's critical text, “Cartographies of Cruelty”, which is part of the artist's book, as well as issues of vulnerability, sexual and gender violence as pointed out by Judith Butler, Rita Segato and Mithu Sanyal.

• KEYWORDS

Laia Abril, Rape, Feminism, Artist's book, Visual narrative

1. Introdução

O presente artigo busca analisar o segundo capítulo da série de publicações que integram o projeto de longa duração “A History of Misogyny” da artista e fotógrafa catalã Laia Abril, intitulado “On Rape: And Institutional Failure” (2022) e sua crítica à cultura do estupro. A análise é feita a partir da aproximação do texto crítico de Marta Gili que integra o livro com a pesquisa de Dominique Baqué sobre figurações da violência. Questões mais gerais sobre vulnerabilidade, violência sexual e de gênero são abordadas a partir de Rita Segato, Mithu Sanyal e Judith Butler.

Laia Abril (1986) é uma artista multidisciplinar de origem catalã cujos trabalhos abordam os temas dos distúrbios alimentares, sexualidade, desigualdade de gênero e violências. Formada em jornalismo, inicia seu trabalho com fotografia após um período no *International Center of Photography*, em Nova Iorque. A partir de 2012, com o trabalho sobre distúrbios alimentares e cultura da magreza intitulado “Thinspiration Fanzine”, Abril inicia uma série de publicações de livros de artista como resultado de seus projetos de pesquisa foto documental.

Com o intuito de aprofundar a análise sobre como a misoginia permeia a sociedade, Abril idealizou o projeto intermídia de longa duração “A History of Misogyny”. Por meio de uma metodologia de pesquisa que engloba documentos históricos, objetos e cultura visual, além da coleta de relatos contemporâneos, a artista produz uma narrativa que aponta para as instituições responsáveis pela manutenção de um sistema misógino e patriarcal. A primeira publicação resultante do projeto é “On Abortion: And the Repercussions of Lack of Access” (2018), que documenta e conceitua os perigos e danos causados pela falta de acesso legal, seguro e gratuito das mulheres ao aborto, enfatizando como a estigmatização promovida por instituições religiosas e políticos que visam capitalizar sobre o tema termina por estigmatizar e criminalizar mulheres e meninas que lutam para ter controle e autonomia sobre os próprios corpos.

O segundo volume¹, “On Rape: And Institutional Failure”, foi publicado em 2022 pela Dewi Lewis Publishing e dá sequência à pesquisa da artista explorando a cultura do estupro através da mesma metodologia. O livro, cuja capa vermelha faz referência a uma enciclopédia, não é subdividido em capítulos ou partes definidas, e combina o uso de imagens apropriadas e autorais com textos de entrevistas, relatos, verbetes e citações. O trabalho explora tanto a violência sexual como resultado de falhas

•49

1A edição não possui paginação demarcada, a não ser por uma lista de 9 créditos de imagem ao final do livro, o que norteou a contagem de páginas utilizada para mapear as citações presentes neste artigo

sistêmicas e institucionais, quanto os estereótipos que perpetuam a cultura do estupro e a culpabilização das vítimas.

2. Sobre o estupro

•50 Abril escolheu o tema do estupro para o segundo capítulo de seu projeto quando, no meio de um processo intenso e meticuloso de pesquisa, foi impactada por uma notícia de seu país de origem. Um grupo de cinco homens espanhóis autointitulados *La Manada*, que haviam estuprado coletivamente uma mulher de 18 anos em 2016 na cidade de Pamplona, foram considerados culpados pela justiça espanhola por um crime menor de abuso sexual devido à suposta falta de evidências. A defesa argumentou que os 96 segundos de filmagem feita pelos agressores, durante os quais a vítima ficou imóvel e de olhos fechados, era prova de consentimento do ato brutal perpetrado durante a Festa de *San Fermín*². O veredito desencadeou uma série de manifestações feministas, consideradas as maiores da história do país. Essas manifestações exigiam uma revisão das leis de agressão sexual na Espanha e desencadearam o efeito desejado: em 2019, as penas foram revistas e a Lei de Garantia Integral da Liberdade Sexual (popularmente conhecida como *Solo si es sí*, que pauta o entendimento de agressões sexuais a partir da questão do consentimento) foi aprovada pelo congresso em outubro de 2021. O acontecimento fez com que a Abril (2022, p.3, tradução nossa)³ quisesse “[...] tentar entender por que as estruturas de justiça e aplicação da lei não apenas estavam falhando com os sobreviventes, mas, na verdade, encorajando os agressores, ao preservar dinâmicas de poder específicas e normas sociais”. Segundo ela:

Ao examinar a história, busco identificar estereótipos e mitos baseados em gênero, bem como os preconceitos e concepções equivocadas globais prevalentes que perpetuam a cultura do estupro. A fim de evitar alimentar a culpabilização sistemática da vítima pela sociedade, decidi mudar a narrativa visual das vítimas

²Festejo tradicional em celebração ao santo que também foi o primeiro bispo de Pamplona e de Amiens. Durante a celebração ocorrem as corridas de toros, em que os animais são atirados e soltos no centro da cidade. Os estupradores se inspiraram nessas manadas de touros para criar o nome do grupo.

³No original: I wanted to try to understand why the structures of justice and law enforcement were not only failing survivors, but actually encouraging perpetrators by preserving particular power dynamics and social norms.

para as instituições, permitindo que este livro sirva como uma oportunidade para abordar o trauma transgeracional e a responsabilidade social (Abril, 2022, p.3) (tradução nossa).⁴

A mudança de abordagem operada por Laia Abril, de uma cultura que visa a explicação da violência sexual na figura da vítima (Sanyal, 2019, p.48, 73) para as instituições e aqueles que, nelas encontram permissividade, é explicitada já na primeira página do livro. A artista escolhe como ponto de partida de sua narrativa visual e documental os retratos dos integrantes do *La Manada* feitos pela polícia (Figura 1). Mesmo que apresente as imagens com efeito granulado, elas estão acompanhadas dos nomes e idades dos homens, com a exceção de um, cuja descrição também informa sua profissão: policial militar especializado em casos de violência de gênero. Assim, também fica explícito como essa permissividade institucional está entrelaçada com a cultura que normaliza o estupro. Quando se fala em instituições policiais e militares, há uma vastidão de pesquisas que demonstram o quão forte é esse laço, desde aquelas realizadas pela antropóloga argentina Rita Segato (2016) em países como Brasil, Guatemala e México, até uma recente investigação encabeçada pela advogada escocesa Elish Angiolini sobre a atuação das polícias britânicas em casos de violência envolvendo mulheres, assim como casos de violência sexual cometidos por policiais⁵.

•51

4No original: By looking back through history, I seek to identify gender-based stereotypes and myths, as well as prevailing global prejudices and misconceptions that perpetuate rape culture. In order to avoid feeding the systemic victim-blaming society, I decided to switch the visual narrative from the victim to the institutions, letting this book serve as an opportunity to address transgenerational trauma and social accountability (Abril, 2022, p.3).

5Chamado de The Angiolini Inquiry, iniciou após o caso de abdução, violação e assassinato da jovem Sarah Everard pelo policial Wayne Couzens em 2021, durante um período rígido de isolamento social durante a pandemia do COVID-19 em Londres, e do caso David Carrick, um policial londrino condenado por 24 estupros e outras dezenas de crimes. Ambos trabalhavam para a Metropolitan Police, Carrick havia sido apelidado de The Rapist, ou O Estuprador, pelos colegas e vendia registros de cenas violentas e cadáveres femininos. Para mais informações: www.angiolini.independent-inquiry.uk. Acesso em 14 set 2024.



On 7 July 2016, Alfonso Jesús Cabezero (27, soldier), Antonio Manuel Guerrero (27, military policeman for gender violence cases), José Ángel Prenda (26), Jesús Escudero (26), and Ángel Boza (24), members of *La Manada* (The Wolf Pack), gang raped an 18-year-old woman and filmed the whole assault during the San Fermin celebrations in Pamplona, Spain.

Figura 1. Laia Abril. *On Rape: And Institutional Failure*, *La Manada*, 2022, p.1. Dewi Lewis Publishing, Stockport, Reino Unido. Fotografia do autor.

•52

Outro tipo de instituição que figura de forma central em *On Rape* é a instituição religiosa, de diferentes fés e denominações, mas com destaque mais intenso na Igreja Católica. Abril realiza um compilado de tradições e superstições sobre os temas de sexualidade, virgindade e estupro presentes em diferentes religiões, tecendo uma narrativa bastante didática sobre como são utilizadas para o controle de mulheres, crianças e dissidentes de gênero ao longo dos séculos. Para tanto, a artista utiliza imagens autorais de artefatos históricos ligados à cultura do estupro e leis religiosas, como o cinto de castidade, joias relativas ao valor do dote de uma mulher – é essencial mencionar que o estupro foi considerado, por muito tempo, uma violação (“rpto” ou roubo) da propriedade privada do pai ou marido da vítima –, e o *scold’s bridle*, um capacete utilizado na Idade Média europeia como método de tortura para imobilizar a boca da vítima. Uma dentre tantas formas de coagir mulheres ao silêncio, especialmente na igreja ou perante o marido.

Os artefatos são combinados com imagens de santas do catolicismo cujo martírio tem alguma relação com a violência sexual, como Santa Inês de Roma (291-304 d.C.), que, ao ser sequestrada após fazer seus votos de castidade, evitou ser estuprada com a ajuda de milagres quando cabelos supostamente cresceram em todo o seu corpo, impedindo que ela fosse tocada e tivesse o consolo de que, ao ser executada por decapitação, morreria com seu status de virgo intacta. Ou, ainda, Santa Maria Goretti, uma jovem católica italiana que, em 1902, foi morta ao resistir a uma

tentativa de estupro aos onze anos e cuja canonização foi vista como um prêmio por preferir morrer a ser violada.

Mithu Sanyal, em seu livro *Rape: from Lucretia to #MeToo* (2019), analisa tais aspectos do martírio das santas em conjunto com o estupro e subsequente suicídio de Lucrecia, um dos eventos que teria causado a revolta necessária para as ações fundantes da República Romana, para demonstrar como o avanço do cristianismo reforça a falta de amparo para a figura da vítima. Se o suicídio era uma opção para Lucrecia, agora ele não podia ser considerado como tal, pois a Igreja determina que ele é pecado. A autora elabora, citando os escritos de Santo Agostinho de Hipona, sobre o tema:

É claro que Agostinho considerava apropriado que uma mulher desejasse morrer após um estupro - na verdade, a qualidade de sua honra roubada era medida pela veemência de seu desejo de morte: quanto maior seu desespero, maior sua extinta honra. Ela simplesmente não tinha mais permissão para colocar esse desejo em prática. Na melhor das hipóteses, ela iria se definhar e morrer sem ter culpa. Caso contrário, teria que provar pelo resto da vida que não havia perdido a castidade, de preferência tornando-se freira. Parar de se lamentar seria admitir que sua honra não tinha sido tão grande, afinal. Não havia como voltar ao status quo; se uma mulher fosse estuprada, sua vida era irremediavelmente interrompida (Sanyal, 2019, p.67) (tradução nossa).⁶

•53

Assim, a pessoa violada perde ainda mais sua autonomia e a ideia de que uma vítima crível, digna de empatia, ou uma “vítima perfeita” perante a sociedade, é aquela que está morta, mas não em seus termos. Ao analisar as mitologias e episódios históricos que definem como encaramos culturalmente o estupro, Sanyal afirma que

⁶No original: Of course, Augustine considered it appropriate that a woman would long to die after a rape—in fact, the quality of her stolen honor was measured by the vehemence of her death wish: the bigger her desperation, the bigger her erstwhile honor. She just was no longer allowed to put that wish into practice. At best, she would waste away and die through no fault of her own. If not, she would have to prove for the rest of her life that she hadn't subsequently lost her chastity, preferably by becoming a nun. To stop mourning would be to admit that her honor hadn't been so great after all. There was no going back to the status quo; if a woman was raped, her life was irretrievably interrupted (Sanyal, 2019, p.67).

“A partir de Lucrecia foi apenas um pequeno passo para a declaração de que "o estupro é um destino pior do que a morte” (2019, p.60, tradução nossa)⁷.

Abril também selecionou citações de líderes religiosos contemporâneos sobre violências sexuais. Um exemplo é a fala de Bernardo Álvarez, bispo de Tenerife em 2007, sobre existirem “meninas de 13 anos que aceitam muito bem o estupro, e mais, elas querem, e ainda te provocam se você for descuidado” (Álvarez *apud* Abril, 2022) . A citação aparece na parte exterior de duas páginas duplas que, ao serem abertas pelo leitor, trazem imagens pixeladas de 3.000 padres e bispos da Igreja Católica acusados, processados ou condenados por crimes sexuais em 35 países. Ainda que as falas de líderes religiosos demonstrem uma demarcação de gênero bem específica quanto às vítimas, sabemos que o perfil daqueles abusados sexualmente por clérigos não é definido necessariamente por gênero, mas sim pela oportunidade de exercer poder sobre vítimas inseridas em contextos de vulnerabilidade, como demonstram pesquisas realizadas pelo The Independent Inquiry into Child Sexual Abuse (IICSA)⁸, no Reino Unido, e investigações do governo do Canadá, realizadas após muita pressão de organizações civis, sobre o sistema de abusos perpetuado contra crianças e adolescentes indígenas no sistema de Escolas Residenciais⁹.

•54

Quando falamos em vítimas inseridas em contextos de vulnerabilidade, é importante mencionar que essa é uma escolha discursiva ainda dentro da discussão sobre a autonomia de vítimas e sobreviventes. Para Sanyal:

Ao fazer reivindicações políticas, parece necessário postular a vulnerabilidade especial das mulheres (e crianças) e, por extensão, sua necessidade especial de proteção. Mas isso é uma faca de dois gumes: ao definir um sujeito político como vulnerável (e, portanto, digno de proteção, mas, ao mesmo tempo, necessitando de proteção), tiramos seu status de sujeito e o transformamos em um objeto a ser protegido (Sanyal, 2019, p.164) (tradução nossa).¹⁰

⁷No original: “From Lucretia it was only a short step to the statement that “rape is a fate worse than death”.

⁸Os relatórios publicados pelo IICSA podem ser consultados em: <https://www.iicsa.org.uk/reports-recommendations.html>. Acesso em 05 out 2024.

⁹Informações adicionais podem ser consultadas em: <https://www.rcaanc-cirnac.gc.ca/eng/1625663008357/1625663325319>. Acesso em 05 out 2024.

¹⁰No original: When making political demands, it seems necessary to postulate the special vulnerability of women (and children) and by extension their special need for protection. But this is a double-edged sword: by defining a political subject as vulnerable (and thereby worthy of protection,

Ou seja, a autora — partindo daquilo que foi postulado por Judith Butler na palestra “Vulnerability And Resistance Revisited” (2015) — sugere que a relação entre vulnerabilidade e proteção nunca é absoluta, e historicamente serviu para colocar corpos percebidos como femininos e corpos racializados em um lugar de subjugação e controle. Essa dicotomia “abre uma diferença entre corpos que precisam de proteção (vulneráveis) e corpos que protegem/controlam (invulneráveis), como se fosse impossível ser os dois ao mesmo tempo (Sanyal, 2019, p. 165, tradução nossa)¹¹. Butler (2016, p.25) propõe que interpretemos a vulnerabilidade como parte do movimento de resistência e não como oposição à autonomia e à ação. E, já que todos somos passíveis de nos encontrarmos em alguma situação de vulnerabilidade, ainda que uns mais, outros menos, que ela seja menos interpretada pelo viés da dicotomia de gênero, mas pela dependência que o ser humano tem do amparo das instituições e de outros seres humanos. Segundo Butler (2016, p. 20), o feminismo “é uma parte crucial dessas redes de solidariedade e resistência justamente porque a crítica feminista desestabiliza as instituições que dependem da reprodução da desigualdade e da injustiça”. E este pode ser um dos pontos-chave para compreender a representação das instituições como foco dos questionamentos apresentados por Laia Abril, sugerindo que questionemos mais aqueles que impõe estruturas de opressão do que as vítimas e sobreviventes.

•55

Abril também explora como a medicina e a ciência lidam com a violência sexual. A artista discorre sobre ferramentas utilizadas para realizar procedimentos de lobotomia para mitigar a “histeria feminina”, tratamentos para “corrigir” parafilias em homens condenados por violência sexual, um apetrecho que funciona como um hímen artificial para que as mulheres possam simular virgindade, até a invenção e implementação do *rape kit*, utilizado para a coleta de material genético do perpetrador e a confirmação física da violação em casos de denúncia, como forma de corroborar o relato da vítima. Há, ainda, uma invenção recente chamada *Rape-aXe*, um dispositivo similar a um preservativo com espinhos internos, que deve ser inserido na cavidade vaginal como método de impedir a violação, pois causa dor na genitália masculina. Tais aparatos demonstram a permanência de uma mentalidade que diz para as mulheres “não seja estuprada” ao invés de dizer aos homens “não estupre”.

but at the same time needing protection) we take away their status as subject and make them into an object to be protected (Sanyal, 2019, p.164).

11No original: original: This opens up a difference between bodies in need of protection (vulnerable) and protecting/controlling bodies (invulnerable), as if it were impossible to be both at the same time.

Também figuram na narrativa visual e documental juízes e políticos que moldam nossos cotidianos através da legislação. Ela cita vereditos em casos de históricos de violência sexual e os mescla com casos mais atuais, em que mulheres tiveram vídeos de seus abusos compartilhados ou vendidos na internet para serem usados como material pornográfico. Na Coreia do Sul, entre 2013 e 2018, mais de 30.000 casos de gravações ilegais captadas em banheiros públicos, hotéis, vestiários e provadores de lojas foram registrados. Essa seleção feita por Abril demonstra como a Justiça, independente de qual país, ainda não é capaz de sanar o problema da violência sexual, principalmente quando ela é facilitada por uma tecnologia que avança a passos largos. As frases extremamente machistas proferidas por homens e mulheres, aparecem em grande número na publicação, indicando como falas polêmicas, direcionadas a certos grupos conservadores que atuam como base política desses agentes públicos, podem alavancar a popularidade destas figuras entre eleitores. O Brasil é representado pelo ex-presidente, então deputado, Jair Bolsonaro e seu ataque contra a também deputada Maria do Rosário em 2014: “Só não te estupro porque você é muito feia” (Bolsonaro *apud* Abril, 2022) pode ser lido em inglês em letras pretas aplicadas em fundo branco.

•56

Entretanto, a série intitulada “Power Rape” é, provavelmente, a parte mais impactante do livro. A série fotográfica é resultante da pesquisa de Laia Abril diretamente com sobreviventes de crimes sexuais em diferentes contextos, e é apresentada através do relato de cada uma das vítimas acompanhado de fotografias das roupas que elas estavam usando. São 8 registros: Alyna, do Quirguistão, forçada a casar com o homem que a sequestrou e estuprou Meredith, dos Estados Unidos, violentada por um de seus superiores enquanto prestava serviço militar ; Veeda, do Afeganistão, que aos 13 anos foi obrigada a casar com o filho de um dos líderes locais do Talibã; Passion Star, dos Estados Unidos, mulher trans inserida no sistema carcerário em uma penitenciária masculina, violentada de diferentes formas quase diariamente; Sandra e Valentina, da Argentina, abusadas pela Madre Superiora do convento em que eram noviças; Tumi, da África do Sul, expulsa de casa e submetida à “estupro corretivo” por ser lésbica; Melissa, da Colômbia, e sua filha pequena, abusada pelo professor do Jardim de Infância; e o relato final de uma terapeuta que trabalha com mulheres refugiadas no Chade que passam por variadas gamas de violências nos conflitos da África Central e em seus percursos de fuga. Esses registros demonstram que a roupa, sempre parte do discurso de culpabilização da vítima (Sanyal, 2019, p.25), não é um fator determinante da violência. Roupas, idade, emprego, fé, nada disso pode ser lido como a causa ou justificativa.

Festivais de música, cultura digital e cinema também são abordados com a inclusão de uma lista de 19 *revenge movies*, filmes que fetichizam a vingança da vítima de estupro sobrevivente, seguidos de capturas de tela dos mesmos que ocupam 8 páginas. Talvez o exemplo mais conhecido desse tipo de filme seja “I Spit on Your Grave” (1978), longa-metragem estadunidense escrito e dirigido pelo israelense Meir Zarchi e que teve um remake em 2010. Desta forma, a artista parece questionar as formas de consumo e difusão desenfreada de imagens de violência, ainda que algumas das imagens apropriadas na colagem partam de um discurso que tenta “dar agência” à vítima. Questionamentos que podem ser aproximados daquilo que postula a historiadora da arte e da fotografia Dominique Baqué. A autora explora as formas de representação da violência na sociedade contemporânea e destaca como a arte pode ser uma ferramenta para expor e desafiar a normalização do horror e de uma cultura de violência per se mediante práticas artísticas que buscam “[...] promover a intervenção crítica contra as instituições da vida cotidiana; administrar, de dentro e não de fora, uma transformação crítica da cultura; elevar o nível de consciência [...] e dirigir-se ao espectador passivo, ao cidadão alienado” (Baqué, 2009, p. 216, tradução nossa)¹². Baqué reivindica um novo regime das imagens e questiona o posicionamento, ou sua falta, do campo artístico e cultural frente às violências perpetradas contra as mulheres. Sendo assim, poderíamos interpretar *On Rape* e o projeto *A History of Misogyny* como uma resposta prática às lacunas apontadas por Baqué.

•57

As instituições culturais não foram esquecidas por Abril, já que diversos objetos fotografados e inseridos no livro pela artista estão em coleções e acervos de diversos museus. São trazidas imagens de obras como *Scène de Mœurs* (1632), do pintor holandês Christiaen van Couwenbergh (1604-1667), que retrata o estupro de uma mulher negra por três homens brancos e um deles aponta para a vítima e ri (Figura 2). A pintura de Couwenbergh é acompanhada de um texto crítico de Marta Gili intitulado *Cartographies of Cruelty*, em que a pesquisadora catalã se apoia no conceito de pedagogias da crueldade elaborado por Rita Segato (2018) para analisar a obra e sua relação com o museu, com o público e com a produção de Laia Abril. O texto utiliza a pintura de Couwenbergh como um disparador para levantar a questão de necessidade de uma posição crítica das instituições sobre suas coleções e suas abordagens educativas, afirmando que “a trivialização institucional da violência sexual, sexista e

12No original:[...] promouvoir l’intervention critique contre les institutions de la vie quotidienne; gérer, de l’intérieur et non de l’extérieur, une transformation critique de la culture; élever le niveau de conscience [...] s’adresser au spectateur passif, au citoyen aliéné.

racista perpetua-a ao longo do tempo e, de certa forma, a endossa (Gili apud Abril, 2022, p.217, tradução nossa)¹³. A obra foi produzida em um contexto em que o estupro foi utilizado por instituições católicas e protestantes como fator moralizante para estimular formas específicas de identificação nacional, religiosa e social na Holanda no período da Reforma Protestante. A filósofa e historiadora Amanda Pipkin, em sua pesquisa de doutorado intitulada “Every Woman’s Fear: Stories of Rape and Dutch Identity in the Golden Age” (2007), demonstra como obras de arte e peças de teatro utilizaram representações do estupro como “imagens de controle”, conceito postulado pela socióloga e ativista do feminismo negro Patricia Hill Collins (2019).

•58



13No original: The institutional trivialisation of sexual, sexist and racist violence perpetuates it over time and, in a way, endorses it.

Figura 2. Christiaen van Couwenbergh (1604-1667). *Scène de Mœurs*, 1632. Óleo sobre tela, 105 cm x 127,5 cm. Musée du Palais des Rohan, Estrasburgo, França.

Retornando ao texto crítico de Gili (apud Abril, 2022, p.218), a autora discute a metodologia e o processo aplicados no trabalho de Abril, realizado em um contexto em que a violência machista aparenta estar em uma nova ascensão. Para ela, há a criação de um espaço heterogêneo que reúne histórias, testemunhos, documentação, mitos, crenças e tradições via imagem e texto, analisando as conexões, agrupamentos, comparações e entrelaçamentos entre eles. E, lembrando da formação jornalística da artista, afirma que há uma “dupla lógica” em seu trabalho:

Por um lado, a necessidade de verossimilhança, de manter um relacionamento próximo ao jornalismo investigativo, no qual a veracidade da história, a confiabilidade das fontes, as evidências do crime e o testemunho das vítimas são primordiais. Por outro lado, o desejo de realizar uma ação de deslocamento simbólico de todos esses elementos coletados para objetos aparentemente anódinos, às vezes cúmplices, às vezes testemunhas ou simplesmente portadores de alegorias que fortalecem o que está por trás das evidências, ou seja, o invisível. E é precisamente o caminho traçado pelo invisível, a distância entre a experiência do estupro e sua representação, onde o paradoxo deste emocionante trabalho de pesquisa visual realizado pelo artista é resolvido (Gili apud Abril, 2022, p.218) (tradução nossa).¹⁴

•59

Segundo a pesquisadora, o crime de estupro raramente possui imagens testemunhais – afirmação que pode ser questionada se pensarmos que temos um cotidiano cada vez mais permeado pela tecnologia e os aparatos de uma sociedade de vigilância – e que essa falta de evidências é sistematicamente utilizada para questionar

¹⁴No original: On the one hand, the need for verisimilitude, to maintain a relationship close to investigative journalism, in which the veracity of story, the reliability of the sources, the evidence of the crime and the testimony of the victims are paramount. On the other hand, the will to operate an action of symbolic displacement of all these collected elements towards apparently anodyne objects, sometimes accomplices, sometimes witnesses or simply bearers of allegories that empower what is behind the evidence, that is to say, the invisible. And it is precisely the path traced by the invisible, the distance between the experience of rape and its representation, where the paradox of this exciting work of visual research carried out by the artist is resolved (Gili apud Abril, 2022, p.218).

a vítima, mas que “seria um erro pensar que, por não haver imagens de um ato horrível, ele não existe” (Gili apud Abril, 2022, p.218, tradução nossa)¹⁵.

Sendo assim, Laia Abril nos mostra uma realidade que não é, necessariamente, representada pelas imagens ou documentos. Uma realidade que, infelizmente, afeta 1 em cada 3 mulheres mundialmente¹⁶. Essa realidade, para Baqué (2009, p. 256), tem sua interpretação borrada e deturpada pelas formas de representação midiática a que é submetida e pelas quais é comercializada, do jornalismo sensacionalista, à publicidade, ao cinema, até a indústria pornográfica que modela a sexualidade e a relação machista com a “mulher-objeto”. A autora também elabora apontamentos similares aos de Gili sobre as violências perpetradas contra “o corpo alienado da mulher” e como as mulheres acabam internalizando uma relação machista com o próprio corpo (Baqué, 2019, p. 258)

A violência sexual em suas diferentes intensidades é entendida por Segato (2020, p. 16) como um dos métodos centrais no processo de manutenção de poder a partir de um “mandato da masculinidade”. Segato (2020) também ressalta que a violência sexual não é motivada necessariamente por desejo de cunho sexual ou perpetrada com finalidade sexual, mas é a violência expressada por meio sexual em uma hierarquia de demonstração, manutenção e obtenção de poder sobre o outro, um outro socialmente mais fraco e supostamente mais frágil. E esse outro não é necessariamente uma figura feminina, como afirma Laia Abril (2022, p.224) no pequeno *disclaimer* junto aos créditos no final do livro que fala sobre homens e meninos enquanto vítimas. Porém, Abril ressalta que mulheres, meninas e pessoas trans são desproporcionalmente afetadas. Essa desproporcionalidade é um dos aspectos daquilo que Segato chama de uma “guerra contra as mulheres” (2020). Uma guerra cotidiana baseada na desigualdade e que nos afeta com intensidades diferentes, da dificuldade de acesso a um salário justo até o feminicídio, que recrudescer conforme a violência presente em nossos contextos se intensifica.

•60

3. Considerações finais

On Rape (2022) é resultado de uma pesquisa de fôlego sem um recorte geográfico ou temporal específico, assim como o capítulo anterior do projeto A History

15No original: original: It would be a mistake to think that because there are no images of an act of horror it does not exist.

16 Dados publicados pela Organização Pan Americana da Saúde em 2021.

of Misogyny, e que oferece ao leitor uma perspectiva contundente sobre a cultura do estupro e as falhas institucionais que perpetuam essa realidade. Mediante um processo meticuloso de costura (ou montagem) de fotografia autoral, apropriações e citações, Laia Abril faz figurar aquilo que é, normalmente, escondido, desconfortável e dolorido. Ela estabelece uma aproximação consciente entre imagem, documento e testemunho para evidenciar que é possível produzir uma história da cultura do estupro e da misoginia sem perpetuar a estigmatização das vítimas e sobreviventes, demonstrando como essa cultura permeia praticamente todas as esferas da sociedade, afetando meninas e mulheres diariamente ao longo do tempo.

A narrativa visual e documental apresentada em “On Rape” permite e incentiva que o leitor questione e reflita sobre as estruturas patriarcais arraigadas que permitem que a cultura do estupro persista, por maior o que distanciamento dele com a experiência do estupro possa ser. Assim, ela nos oferece uma alternativa aos discursos institucionais e estruturas de poder que para desviar de suas responsabilidades se voltam contra a vítima, e demonstra a crueldade de narrativas estabelecidas, estimulando um olhar crítico que viabilize novas formas de ver, interpretar e compreender a realidade. Esse posicionamento crítico de Laia Abril, aliado com o desejo por mudança, está presente nas obras de artistas que a antecedem, como Suzanne Lacy, Nancy Spero e Jenny Holzer, que também utilizaram o formato do livro de artista para abordar a cultura do estupro. Assim, Abril está inserida em uma tradição de práticas artísticas que acompanham o pensamento feminista de seu tempo.

•61

Destaco a chamada à ação oferecida por Marta Gili nas páginas finais do livro, então a incluo aqui:

[...] a artista não sabe qual será o efeito de sua obra. Também não é sua missão. É nossa, de todos nós, dismantelar coletivamente, com estratégias, alianças e compromissos mútuos, a violência institucional que sustenta a violência nos corpos e fomenta as desigualdades. Tudo pode começar prestando atenção nas nuances do mundo e assumindo responsabilidade por elas. Tudo também pode começar escrevendo, com paciência crítica, cada painel informativo que acompanha uma obra exposta em uma instituição cultural. Cada gesto é político. Ninguém é inocente (Gili apud Abril, 2022, p.218) (tradução nossa).¹⁷

17No original: [...] the artist does not know what effect her work will have. It is not her mission either. It is ours, that of all of us, to dismantle collectively, with strategies, alliances and mutual commitments,

Ou seja, não basta que desempenhemos um papel apenas de observador, de um leitor que é sensibilizado, mas permanece imóvel e anestesiado. É necessário que, ao visualizar todo o conteúdo apresentado em “On Rape”, analisemos nossas rotinas e atitudes, nossas próprias histórias, as instituições que adentramos e as narrativas que perpetuamos. E que, a partir disso, abandonemos a posição de uma suposta neutralidade. Como podemos nos movimentar contra todas essas estruturas de poder que perpetuam a violência sexual? Como disse Marta Gili, tudo pode começar com a escrita de um texto. Mas não devemos parar por aí.

4. Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.”

•62

the institutional violence that supports violence on bodies and fosters inequalities. Everything can start by paying attention to the nuances of the world and taking responsibility for them. Everything can also begin by writing, with critical patience, each information panel that accompanies a work exhibited in a cultural institution. Every gesture is political. No one is innocent (Gili apud Abril, 2022, p.218).

Referências

ABRIL, Laia. **On Rape: And Institutional Faliure**. Stockport: Dewi Lewis Publishing, 2022.

ABRIL, Laia. **Site oficial**. Disponível em: <www.laiaabril.com>. Acesso: 20 abril 2024.

BAQUÉ, Dominique. **L'Effroi du présent**. Figurer la violence. e-book. Paris: Flammarion, 2009.

BUTLER, Judith. **Vulnerability and Resistance Revisited**. Palestra proferida em 18 de maio de 2016. Gravação em vídeo (1h 33min 23s). CalArts Aesthetics and Politics Program. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fbYOzbGpMo>>. Acesso: 25 abril 2024.

BUTLER, Judith. Rethinking Vulnerability and Resistance. In: BUTLER, Judith; GAMBETTI, Zeinep; SABSAY, Leticia (Org). **Vulnerability in Resistance**. Durham: Duke University Press, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

●63

GILL, Marta. Cartographies of Cruelty. In: ABRIL, Laia. **On Rape: And Institutional Faliure**. Stockport: Dewi Lewis Publishing, 2022, p.216-218.

PIPKIN, Amanda. **Every Woman's Fear: Stories of Rape and Dutch Identity in the Golden Age**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História. New Brunswick Rutgers, The State University of New Jersey, 2007.

SANYAL, Mithu. **Rape: From Lucretia to #MeToo**. Londres: Verso Books, 2019.

SEGATO, Rita. **La guerra contra las mujeres**. 3a.ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2020.

ZARCHI, Meir (Diretor). **I Spit on Your Grave**. [S.l.]: Cinemagic Pictures, 1978. 100 min.

Recebido em 08/12/2025 - Aprovado em 26/03/2025

Como Citar

Figurações da história da misoginia segundo Laia Abril: On Rape. **ouvirOUver**, [S. l.], v. 21, n. 1, [s.d.]. DOI: [10.14393/OUV-v21n1a2025-76278](https://doi.org/10.14393/OUV-v21n1a2025-76278). Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/76278>.



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.